

Armando de Oliveira

E: Entrevistador

AA: Sr. André Achitti

RA: Sra. Rita Achitti

Armando de Oliveira

Brodowski, 04 de junho de 2013.

Estamos aqui com o senhor Armando, ele que é músico. Vamos começar, então?

Senhor Armando o nome completo do senhor?

Armando de Oliveira

A idade do senhor?

80.

Qual que é o endereço do senhor?

Hoje é, atualmente é, Rua General Carneiro 84.

Perfeito. Pra começar, senhor Armando, eu gostaria que o senhor falasse pra gente um pouquinho sobre esses 100 anos de Brodowski. O que o senhor viveu de Brodowski, o quê que o senhor viu em Brodowski, o quê que o senhor lembra, porque o senhor mora aqui até hoje, conta um pouquinho para a gente.

Muitas coisas que a gente pensa... é que nem um avião a jato, passa e deixa aquele *fumação* pra trás. É... lembrança, né? Saudades de alguma coisa, é musical, um tipo de música. Então é, teve muita evolução, assim, sobre música, do tempo que éramos mais novos, a turma só falava em roça, mazuca e música caipira também tinha ali. Música... a gente fala caipira, sertaneja. Então é, havia muitos, com a idade de 6 ou 7 anos, a gente ia em muito baile. Existiam muitos bailes nas roças. Então eram bailes... ah tirava uma *verbinha* pra eles, né, cobravam para tocar, e tal coisa. Então havia sanfoneiros bons, que vinham de Altinópolis, às vezes de Jurucê. Teve muitos acordeonistas de Jurucê, bons também. E aqui de Brodowski, também, vários sanfoneiros. E começaram assistindo esses bailes de roça, brincadeira... E nós na roça tocávamos cavaquinho, violão junto com os companheiros, e toda semana nós tocávamos em brincadeiras dançantes. Ao claro de lua assim, das 8h às 9h, e aí encerrava o assunto porque tinha que dormir cedo, levantar cedo para ir trabalhar. Então existiam essas coisas. E, então as músicas começaram a evolução, que a coisa começou a melhorar. Não existia rádio, no meu tempo de menino não existia rádio. Então havia, havia assim muito medo, muita coisa porque foi no tempo da guerra também. Primeiro teve a revolução, depois teve a guerra mundial. E isso é um transtorno pra todo mundo. Saiu a paz embora, fica faltando tudo. Nada existe coisa melhor do que a paz. Todo mundo trabalhando. Então esse tumulto de guerra... O noticiário via nos jornais. Não existia tanto rádio. Rádio dos bares, aqueles *radião* que eles tinham no

bar. Então a gente vinha assistir as notícias ali. Até quando acabou a guerra. Quando acabou a guerra foi aquela alegria, aquele tumulto de satisfação, né. Então quer dizer, voltou a paz, e estamos lutando pra isso, até hoje pra não deixar a paz escapar, ir embora, tem que segurar ela aí. Porque, tanto na família, quanto no serviço, em qualquer lugar, tem que ter paz, se tiver paz, tá bom. Então a gente sempre observou isso aí. Mesmo quando eu comecei tocar, então, os músicos mais antigos, a conversa, mas eu nunca perguntei por que, eles falavam assim que o melhor carnaval que teve de certo, nessa época foi em 1936. Então, mas eu nunca perguntei por que, por qual é o motivo, mas é que fiquei pensando. Você pensa uma coisa, pensa outra. Por que será? Por que será? Então, justamente eu acho que foi na época que quis começar aparecer a paz, a luz da paz. Então foi um carnaval, foi uma festa, foi um ano bom. Todo mundo teve, brincou, gastou dinheiro, ainda ficou com dinheiro sobrando ainda. Então teve dessas coisinhas que a gente observou, né? E... Então, já que aqui eles falavam que o carnaval foi o melhor carnaval, em 36, eu acho que é isso aí, foi o momento que começou querer aparecer a paz, a luz da paz, né. Então eu acho que melhorou 100 por cento. Então daí foi... até hoje. Carnavais, toquei muitos carnavais. Brinquei carnaval, mas pouco. A minha brincadeira no carnaval foi tocar. E, tocar para valer, não tinha microfone, era no peito mesmo. Toquei em vários lugares.

Em quantas bandas o senhor já tocou?

Bandas de músicas aqui em Brodowski, foi aqui na Carlos Gomes em Brodowski. Depois foi em Batatais. Toquei também desde o tempo do Baldochi até hoje. Até hoje não, até esse ano passado, agora. Que acabou, parou a banda, não sei por que. Tá parada. O prefeito disse que ia ver, ia ver, e até agora não resolveu nada. Quer dizer que foram, não fiz a conta ainda mais desde o tempo do Baldochi para cá deve fazer quase uns 50 anos, né. Eu não sei certinho, mas se procurar saber, na, na coisa, eles sabem, o prefeito Marcílio Baldochi. Ele quando fez o discurso dele para política, para a prefeitura, prometeu que se ele ganhasse a primeira coisa que ele ia fazer, era levantar a banda. E como de fato ele ganhou foi a primeira coisa que fez, reuniu, veio buscar músico aqui em Brodowski, levava uma Kombi cheia de músicos pra tocar lá, toda semana. Todo domingo. Então tocava sempre, qualquer festinha que tinha lá, a banda ia tocar. Era procissão, era Festa do Leite e outras festas mais que tinha ali, a banda estava sempre presente, lá. Durante todo esse tempo, do Baldochi, agora eu não me lembro a data de quando foi Baldochi. Passou por vários prefeitos, eu calculo que deve ser quase uns 50 anos. Tocando até agora, nesse ano passado. Aí parou, não sei por qual motivo parou que agora não resolveram nada, tá aí, ninguém sabe por que parou. Não sei qual é o motivo. Tá parado até agora. Então em conjuntos de carnaval, música de, aqui em Brodowski tem o Marabá, que acho que ninguém falou isso, temos uma grande orquestra que é a Marabá. Tinha a banda de música do coreto. E os músicos que tocavam na banda faziam parte, tem alguns, até eu também, fazia parte do... da Orquestra Marabá. Eles falavam Jazz Marabá. Jazz Band, Jazz Marabá é Jazz Band, né? Então eu toquei também muito tempo nesse, não assim, muitos anos, mas não tenho bem certeza, mas uns 2, 3 anos, por aí. Que teve essa orquestra aqui. Se hoje tivesse ela seria umas das pioneiras, talvez. Então parou também, por motivo também que não sei por que. Falta de organização, eu acho. E de uma planta perfeita, um estatuto bem feito, para não ter encrenca. Mas justamente nós tocávamos em Batatais na, na... Marabá ia tocar

no 14 de março, em Batatais. Na época era o melhor clube que tinha aqui, talvez até de Ribeirão Preto. O melhor clube, todo cortinado por dentro. Todo cheio de cortinas. Era um dos pioneiros aqui, na região. Se não me engano, seria o melhor clube da região aqui, em Batatais. Agora não, fracassou, caiu. Caiu do cavalo. E depois apareceram vários. Apareceu a Operária. Toquei também na, na, Operária, Princesa Isabel, Princesa Isabel de Batatais. Fui até fazer um, com o conjunto de Batatais, fizemos uma noitada *de grátis*. Tocamos grátis a noite inteira, para, precisava arrecadar fundos para fazer o clube deles. E tinha lá várias figuras de Batatais que ajudavam muito também, o finado Antonio Nasar, gostava muito deles, era um médico bom de Batatais. Então ajudou muito, ajudou muito o clube lá, da Princesa Isabel. E aqui em Brodowski também o clube daqui. Aqui não era, nunca teve clube aqui também não. Agora o único clube que eu sei que teve aqui em Brodowski, feito em Brodowski, foi o Clube da Velha Guarda. Agora o clube 22 de agosto, é um bom clube. Teve boas condições, mas quem formou esse aí foi a... o pessoal italiano. Dante Alighieri! É que tinha esse salão aí. Depois por motivo de guerra, perderam, perderam a, quem era italiano aqui perdeu a... porque era ligado à Itália esse negócio de Dante Alighieri, né? Eu acho que era clube italiano. E aí passou, passou, passaram para 22 de agosto. Foram melhorando, foram aumentando o salão, porque o Dante Aleghieri era pequenininho. Foram aumentando o salão, aumentando o salão e hoje é um grande salão. E, está parado isso aí, está empacado, né, parou na... eu não sei por que também, se era falta de competência, não sei o porquê. Também toquei uma noite também de graça pra arrecadar, no tempo do Mandinho, Morando, né, Morandinho é o Morando, né? Que era presidente, era o diretor, e para arrecadar fundos para melhorar, melhorar o ambiente, o salão. Toquei com uma turminha aqui, grátis, toquei uma noite de graça para arrecadar fundos para melhorar. E depois disso onde que eu morei também, toquei também uma noite de graça para fazer um clube lá também, não sei se ficou formado, ficou feita a planta. Não sei se conseguiram acabar de fazer também, lá para o lado para o município de Ituverava, num lugarejo que tinha lá. Ah, tocar, toquei em carnavais, toquei em Brodowski muitas vezes, Batatais muitas vezes, Altinópolis toquei também bastantes vezes lá. Serrana toquei também. Em Ribeirão Preto toquei também num clube que tinha lá, Sociedade Italiana. Até o nome da orquestra lá era, não era uma orquestra boa mas dava para apresentar. Tocava em uns bailes ruins também, mas eles tocavam em uns bailes bons, bailes de formatura cheguei a tocar também lá, bailes de formatura. E... e toquei muito tempo lá. Depois disso eu vim para... em Batatais tinha uma orquestra, toquei também na orquestra. Toquei em Franca numa orquestra que tinha lá. Eu saía, quando passava, a Mogiana passava aqui, eu pegava o trem aqui à tarde, ia pra Franca, lá apeava e tocava na Sociedade Sírria de Franca. Até faz tempo que eu não vou lá, não sei se existe aquilo lá, ainda, Sociedade Sírria. Eu toquei lá também, por um bom tempo lá. Eu ia pousar na casa do cara que tinha a orquestra lá. Dormia na casa do homem. E depois no dia cedo eu vinha embora de ônibus, pra trás, pra casa. E, em baile de carnaval já também toquei em Uberaba. Fui tocar em um bairro em Uberaba. É... em bailes toquei em Miguelópolis, em Ituverava toquei também. Aonde mais? Uns pares de cidades que eu toquei.

Quais são os instrumentos que o senhor toca hoje e tocou em todo esse tempo?

Eu comecei... bom, quando era criança comecei com aquela gaitinha de boca. Tocava umas músicas, não sei se tocava ou pensava que estava tocando. Eu lembro até das musiquinhas, aquelas gaitinhas simples, né? Depois daí, eu comecei a tocar, junto com um conjuntinho assim de roça, no cavaquinho. Toquei aqueles cavaquinhos, fazia uns complementos, tocava musiquinhas. Então era uma turminha de rapazes. Cada um tocava, um tocava e o outro acompanhava. Aí outro fazia o solo e o outro acompanhava, era assim. Então quando um aprendia uma música, falava, “olha aprendi uma música, hoje”, “E que música é?”, “Ah, é tal música assim, ela é, é, em sol maior”. E aí então um ensinava o outro. Mas assim, coisa simples, coisa simples. Para aprender assim, coisa simples, família, né? Aprendia 3 ou 4 posições, não sabia mais do que isso. Era dó, ré maior, a outra era sol maior, e era assim. Então aprendia desse jeito, não tinha professor pra ensinar. Então, aí ia aprendendo assim aos poucos. Muitas posições que eu aprendi, aí depois comprei um método de cavaquinho e aprendi mais coisas. E assim a gente ia tocando. E depois comecei a tocar, comecei a estudar música pra tocar na banda. Aí deixei o cavaquinho também, deixei a gaitinha de boca, ficou pra lá, e comecei na clarineta. Tocar na banda Carlos Gomes, aqui em Brodowski. Depois passei já para o saxofone. E, e comecei, no saxofone comecei a tocar na banda, depois entrei no Marabá, que era a orquestra. Lá eu fazia o terceiro sax. Que era um mi bemol. E aí fui estudando, fui estudando. Eu cheguei a tocar primeiro sax, também. Depois passei no sax tenor, e hoje eu tenho o mi bemol que tá aí encostado, guardado aí. E tenho o sax tenor e, tenho um que eu ganhei também há pouco tempo, um sax tenor novinho.

E com relação à família Portinari. A gente sabe que o senhor Batista era músico também, né?

Era

O senhor guarda recordação da família, conhecia, tinha contato ou lembra quando Portinari vinha pra Brodowski, como que era isso?

Então quando chegava o tempo de carnaval, ele vinha passar as férias aqui em Brodowski. Então, aqui nós, aqui, a turminha que formava aquela Banda Infernal, não era para fazer bagunça, não, tocava direitinho as músicas. Então, a gente saía pela rua, saía pela Rua Floriano Peixoto, lá tinha o bar do Honorato. Saíamos dali, nós víamos por aqui, subia essa praça, hoje Portinari, e tocando na rua e entrava dentro da casa do Portinari. Eu tinha lá uns 15 ou 16 anos, por aí. Então, tocando junto com os colegas. Então todo mundo falava, Portinari está aí. Mas eu entrava junto tocando e todo aquele povão que estava lá com eles, eu nem sei quem era Portinari, ali. Eu sei que ele estava lá, mas de conversar com ele eu nunca conversei, né? Então, entrava, a turma entrava lá, 2 ou 3 músicas, aí viravam na rua outra vez, e saía por aí afora. E dava a volta lá em cima outra vez na praça e voltava e vinha aqui embaixo. Então, a gente sabia que ele estava lá, que nem eu, sabia que ele estava lá, mas tinha aquele pessoal lá, não se era irmão ou se era parente, ou se era amigo. Porque tinha a casa cheia, o Batista também, as mulheres. Então, eu sabia que ele estava lá, mas naquele tempo era um qualquer, né? Não sabia. Hoje interessa saber quem que é, né, ver. Então, a gente tocava, o Batista também era um velho bom, também. Chegava no tempo da, no tempo da... do natal, fim de ano, ele trocava, não sei se ele que fazia isso aí, ou se era o Portinari que mandava fazer. Trocava não sei quantas notas de um real, de um real, né? Um mil réis. Trocava aquelas

notinhas e ficava na rua dando pra molecada, iam pedir pra ele, ele dava uma notinha para cada um, no tempo de fim de ano, natal, fim de ano. Ele fazia isso aí. Agora eu não sei se alguém dava para ele fazer isso aí, ou se ele mesmo que fazia, sei lá, ele tinha essa mania de fazer isso aí. E, bom de conversa, também.

O que o senhor acha, né? Foi um pintor que ficou mundialmente conhecido, que saiu daqui dessa cidade. Uma cidade pequena. O quê que Portinari representa pra Brodowski?

Ah, é uma figura importante para a cidade aqui. Eu acho que é uma forma boa para a cidade também, né. E que tiveram vários, várias pessoas aqui que foram importantes, mesmo que não apareceram pra fora, mais aqui dentro tinham a fama deles. O futebolista, músico, teve músico bom aqui. Teve é, se saísse para fora, era capaz de pegar fama, mas pegou fama aqui na, entre o povo. São músicos de valor, maestro bom. O finado Albarello, teve a banda por muito tempo aqui em Brodowski, né? Ele conseguiu formar muito músico também aqui. Até hoje, eu aprendi também um pouco com o Albarello também. E outra, ele já tava já, tinha um ajudante, para ajudar a ensinar. Quem me ensinou, quem começou a me ensinar foi o ajudante dele, do Albarello. E sempre ele estava aí, pesquisando também, pesquisando também, vendo se sabia mesmo, aquela coisa.